

Capítulo 3

**Práticas de Sociabilidade Juvenis na Vitória
Estudo Sociológico**

**Ana Teixeira
Mafalda Ferreira
Margarida Reis
Cidália Duarte**

A problemática juvenil constitui um tema que tem originado preocupações e interesses em diversas áreas. São essas preocupações que estão na base de vários estudos sobre a juventude portuguesa (I.E.D., 1986; 1987) e de algumas acções de intervenção político-social, desencadeadas com vista a fazer face aos problemas dos jovens. Neste sentido, revelou-se importante caracterizar alguns eixos estruturadores da(s) vida(s) dos jovens da freguesia da Vitória, de forma a identificar as necessidades sentidas e, conseqüentemente, desenvolver projectos de intervenção relevantes. É nesta dupla vertente que se situa o inquérito às práticas de sociabilidade dos jovens.

1. Questões metodológicas

O objectivo deste estudo é conhecer, nos traços mais gerais e em diversos contextos de vida (escola, trabalho, lazer), as práticas de sociabilidade dos jovens da Vitória.

Esta investigação foi operacionalizada através de um inquérito¹ (ver anexo 2) às *Práticas de Sociabilidade Juvenis* da comunidade. Este instrumento estruturou-se em cinco partes. Numa primeira parte, existem um conjunto de itens destinados à caracterização sociográfica da população; na segunda investigaram-se as atitudes face à escola, o abandono escolar e as representações sobre o papel e experiências proporcionadas pela escola; na terceira parte, abordam-se as atitudes face ao mundo do trabalho e as expectativas da transição para a vida activa, a insegurança contratual, a precaridade do emprego e as representações sobre o trabalho; na quarta, centrámo-nos nas relações estabelecidas pelos jovens com a família e outros significativos e, ainda, na análise das representações da comunidade em que vivem; finalmente, na quinta parte, procuram-se entender os usos dos tempos e espaços na sua relação com as práticas de lazer.

Os dados foram recolhidos através de um questionário de administração indirecta, tendo as questões sido formuladas assegurando, tanto quanto possível,

¹ Para a elaboração deste inquérito foram consultados o "Estudo à Juventude Portuguesa" encomendado ao Instituto de Ciências Sociais pelo gabinete do Ministério da Juventude (1989) e coordenado por Machado Pais, e o inquérito às Redes Sociais de Apoio (AC-90) de Gonçalo Musitu (1991), de onde foram retirados os itens 13, 14, 17, e 18 e consultados os restantes.

uma linguagem simples e acessível, para evitar possíveis enviesamentos e procurando sempre um apropriado encadeamento das questões.

O questionário incluía perguntas de resposta fechada, de escolha múltipla e de resposta aberta. Após a redacção do projecto de questionário, foi necessário proceder à sua avaliação através da realização de um pré-teste a 20 indivíduos pertencentes ao universo do inquérito, com reflexão falada para melhor detectar possíveis deficiências da formulação de cada pergunta.

Quanto aos aspectos metodológicos que nortearam a realização do inquérito², é importante referir que o universo considerado foi a totalidade da população da freguesia da Vitória, com idades compreendidas entre os 12 e 29 anos, de ambos os sexos. Para constituir este universo foram consultados os Censos de 1981, e posteriormente, no decorrer da fase de inquirição, foram consultados os Censos de 1991, aquando da publicação dos seus resultados definitivos; os dados a partir dos quais elaboramos a amostra constam do quadro 1.

Quadro 1 . População Residente da Vitória dos 12 aos 29 Anos.

| Grupos etários | Homens/Mulheres | Homens | Mulheres |
|----------------|-----------------|--------|----------|
| 12-14 anos | 241 | 111 | 130 |
| 15-19 anos | 458 | 221 | 237 |
| 20-24 anos | 530 | 266 | 264 |
| 25-29 anos | 538 | 246 | 292 |
| Total | 1767 | 844 | 923 |

INE 1981

² O trabalho de campo foi levado a cabo por seis alunos do curso de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto- Alfredo Moura, Angelina Ramalho, Aminda Resende, Carlota Quintão, Cristina Farinha e Luísa Barros-, com os quais se efectuaram sessões de formação para que estes se familiarizassem com o instrumento e os objectivos do estudo. Foram, ainda, realizadas reuniões periódicas com os tarefeiros com vista ao acompanhamento sistemático do processo de administração dos inquéritos.

Perante as bases de dados disponíveis, as possibilidades de obtenção de uma amostra representativa seriam mais eficazes se a constituíssemos por quotas e estratificada por sexo e idade, com a idade mínima igual ou superior a 12 anos, até aos 29 anos. A amostra completa possuía 266 indivíduos (Quadro 2).

Quadro 2 . População da Amostra.

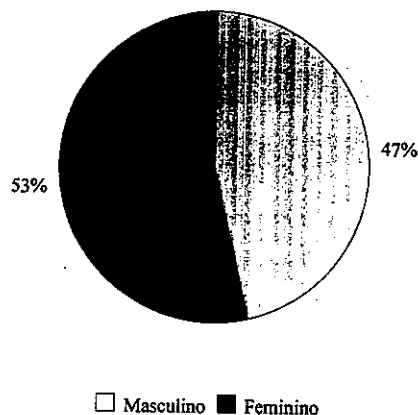
| Grupos etários | Homens/Mulheres | Homens | Mulheres |
|----------------|-----------------|--------|----------|
| 12-14 anos | 36 | 17 | 19 |
| 15-19 anos | 69 | 33 | 36 |
| 20-24 anos | 80 | 40 | 40 |
| 25-29 anos | 81 | 37 | 44 |
| Total | 266 | 127 | 139 |

No sentido de traduzir a informação recolhida em dados que pudessem ser codificados e tratados quantitativamente, procedeu-se à análise de conteúdo da totalidade das respostas abertas incluídas no questionário. A análise estatística foi realizada com o programa SPSS (1992) optando-se por uma análise de cariz descritivo, tendo-se contabilizado frequências e percentagens.

2. Caracterização Sociográfica da População Jovem

Numa primeira parte do inquérito, pretendíamos obter alguns dados que permitissem caracterizar sócio-demograficamente a população alvo deste estudo. Desta forma, como se deduz da observação dos gráficos 1 e 2, há maior número de mulheres (53.4%) do que de homens (46,6%), sendo a faixa etária dos 20 aos 24 anos a mais numerosa. Verificámos, ainda, que os jovens são na sua grande maioria originários do Grande Porto (Gráfico 3). Numa primeira apreciação, parece-nos interessante notar que estes dados são congruentes com as análises que apontam para a estabilidade dos processos migratórios para as cidades, uma vez que os pais destes jovens são, na sua maioria, de fora do Concelho do Porto (Borges, 1994), enquanto 89.5% dos jovens inquiridos são naturais do Grande Porto.

Gráfico 1 . Sexo dos Inquiridos



No que diz respeito ao *estado civil dos jovens* (Quadro 3) constata-se que a maioria são solteiros (80.2%), sendo interessante notar que mesmo os jovens mais velhos se enquadram maioritariamente nesta categoria (56.5%), apontando para o adiamento do casamento para uma idade mais tardia do que acontecia há alguns anos atrás.

Analisando o *estado civil dos jovens* em função do *sexo* constatámos que, no grupo dos jovens casados, há diferenças entre os dois sexos, sendo a percentagem de mulheres casadas (22.1%) superior à dos homens (8.1%). Uma outra categoria onde a diferença entre sexos é significativa é a união de facto, havendo muito mais mulheres nestas circunstâncias do que homens, estando estes em maioria na categoria separado (do total de jovens separados, 1.6% são homens e 0.8% mulheres).

Quadro 3 . Estado Civil dos Jovens na totalidade da amostra e segundo o Sexo e Idade.

| Est. Civil | Total | 12-14 | 15-19 | 20-24 | 25-29 | Sexo | |
|----------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|
| | | anos | anos | anos | anos | Masc. | Femin. |
| | % | % | % | % | % | % | % |
| Solteiro/a | 80.2 | 100.0 | 97.0 | 80.5 | 56.5 | 89.4 | 72.1 |
| Casado/a | 15.6 | 0.0 | 1.5 | 17.1 | 33.3 | 8.1 | 22.1 |
| Separado/a | 1.2 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 3.8 | 1.6 | 0.8 |
| União de facto | 3.0 | 0.0 | 1.5 | 2.4 | 6.4 | 0.9 | 5.0 |
| Total | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

3. Situação face à escola

A escola é, seguramente, uma das instituições com um papel central no desenvolvimento pessoal e social dos jovens, devendo para tal "(...) capacitar para a resolução dos problemas de vida" (Campos, 1991, p. 7), não se confinando à mera transmissão de conteúdos. Pela sua relevância, e pelas alterações recentes do sistema de ensino português, era imperioso analisar a forma como os jovens vivenciam o percurso académico, enquanto vector determinante da construção de projectos de vida consistentes.

Grau de escolaridade

Relativamente ao grau de escolaridade, verificámos que 35.7% dos jovens frequentam ou possuem o 3º ciclo do ensino básico, 22.9% o ensino secundário, 17.3% o 2º ciclo do ensino básico e 12.0% apenas o 1º ciclo do ensino básico. Da totalidade dos inquiridos, 7.9% possuem cursos de nível superior³ e 2.3% cursos médios, sendo 0.8 % aqueles que apenas sabem ler e 0.4% aqueles que não sabem ler nem escrever. Assim, 30.8% dos inquiridos ultrapassam a escolaridade obrigatória, enquanto 35.7% frequentam e/ou concluíram o 3º ciclo do Ensino Básico (Quadro 4).

Se analisarmos a escolaridade dos jovens comparativamente *aos pais*, (Quadro 4) verificámos que o número de jovens que frequentam o Ensino Secundário (22.9%) é significativamente superior aos pais, havendo a este nível uma diferença relevante entre o pai (3.4%) e a mãe (0.3%). No que diz respeito à categoria sabe ler verificámos, também, diferenças entre pais e filhos, tendo-se verificado uma redução importante do número de jovens que apenas sabem

³ Uma vez que a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto se situam nesta freguesia, era natural que alguns dos jovens residissem aqui por frequentarem um destes estabelecimentos de ensino. Assim, ao analisar a naturalidade dos alunos podíamos ter um indicador de quantos jovens que frequentavam este nível de ensino eram, de facto, da Freguesia da Vitória. Constatámos que 46.2% dos jovens que frequentam o ensino superior não são naturais do Porto, sendo 53.8% naturais da freguesia da Vitória e limítrofes (Massarelos e Miragaia), o que poderá reduzir significativamente o número de jovens que são da Vitória e que efectivamente frequentam o Ensino Superior.

ler (0.8%) relativamente aos pais (2.3% pai, 6.0% mãe), e tendo acontecido o mesmo fenómeno em relação aqueles que não sabem ler, pois apenas 0.4% dos jovens se inserem nesta categoria face a 1,9% dos pais e 4,9% das mães. Estes resultados relacionam-se, como é evidente, com a democratização do sistema de ensino após o 25 de Abril.

Quadro 4 . Grau de Escolaridade dos Jovens.

| Escolaridade | Próprio % | Pai % | Mãe % |
|-----------------------|--------------|----------|----------|
| Não sabe ler | 0.4 | 1.9 | 4.9 |
| Sabe ler | 0.8 | 2.3 | 6.0 |
| 1º ciclo E.B. | 12.0 | 63.8 | 63.2 |
| 2º ciclo E.B. | 17.3 | 7.1 | 6.8 |
| 3º ciclo E.B. | 35.7 | 7.8 | 8.6 |
| Ensino Secundário | 22.9 | 3.4 | 0.3 |
| Ensino Médio | 0.0 | 2.3 | 1.5 |
| Ensino Superior | 7.9 | 2.3 | 2.3 |
| Outro | 2.2 | 0.8 | 0.8 |
| Não sabe/Não responde | 0.8 | 8.3 | 5.6 |

Se tivermos em conta as diferenças do grau de escolaridade em função do sexo verificámos que nos níveis mais baixos de escolaridade predominam as jovens do sexo feminino; curiosamente, verifica-se a mesma tendência após o ensino secundário (Quadro 5). No que respeita ao 2º ciclo, constatámos que não existem diferenças entre os dois sexos, porém, no 3º ciclo verifica-se, novamente, uma grande discrepância entre os dois sexos, na medida em que do total dos jovens que têm como habilitações este nível de escolaridade, 45.5% são do sexo masculino e 27.7% do sexo feminino. Quando analisámos os dados referentes

ao ensino secundário não encontramos diferenças relevantes entre os dois sexos, sendo a diferença mais significativa no Ensino Superior, uma vez que 10.0% de jovens que frequentam este nível de ensino são do sexo feminino e 5.7% do sexo masculino.

Quadro 5 . Grau de Escolaridade em função do Sexo.

| Sexo | Masc. % | Femin. % |
|---------------------|------------|-------------|
| Escolaridade | | |
| Não sabe ler | 0.0 | 0.7 |
| Sabe ler | 0.0 | 1.4 |
| 1º ciclo E.B. | 7.3 | 16.3 |
| 2º ciclo E.B. | 17.1 | 17.7 |
| 3º ciclo E.B. | 45.5 | 27.7 |
| Ensino Secundário | 22.8 | 23.4 |
| Ensino Superior | 5.7 | 10.0 |
| Outro | 1.6 | 2.8 |

No que se refere ao grau de escolaridade em função da idade (Quadro 6) verificámos que 68.6% dos jovens entre os 12 e os 14 anos frequentam o 3º ciclo do ensino básico, enquanto 22.8% frequentam ou têm como habilitações o 2º ciclo e 8.6% o 1º ciclo do ensino básico. Na faixa etária dos 15 aos 19 anos, 33.8% dos jovens frequentam ou têm como habilitações o ensino secundário, 48.5% o 3º ciclo e 10.3% o 2º ciclo. Nos jovens dos 20 aos 24 anos, 31.2% frequentam ou têm como habilitações o ensino secundário, 23.0% o 3º ciclo e 18.2% o 2º ciclo. Por último, na faixa etária dos 25 aos 29 anos, verificámos que 15,4% dos

jovens têm como habilitações o ensino secundário, 24.4% o 3º ciclo e 20.5% o 2º ciclo do ensino básico.

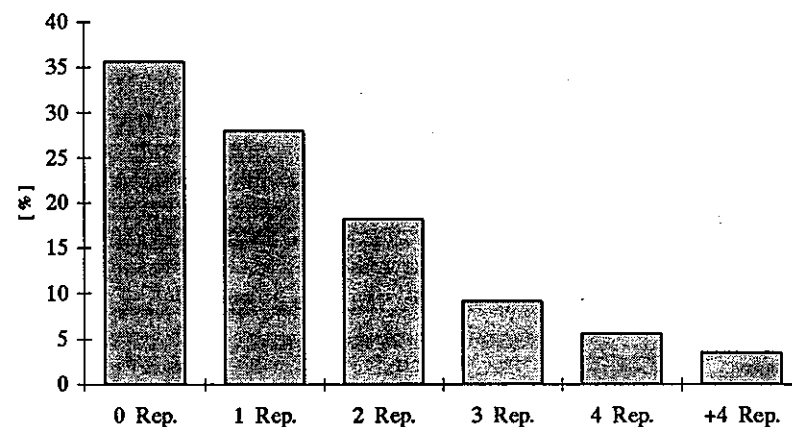
Assim, constatámos que idade e escolaridade são variáveis que, nos extremos, variam inversamente, podendo resultar do alargamento da escolaridade obrigatória.

Quadro 6 . Grau de Escolaridade em função da Idade.

| Idade | 12-14 anos | 15-19 anos | 20-24 anos | 25-29 anos |
|---------------------|------------|------------|------------|------------|
| | % | % | % | % |
| Escolaridade | | | | |
| Não sabe ler | 0.0 | 0.0 | 1.2 | 0.0 |
| Sabe ler | 0.0 | 1.5 | 0.0 | 1.3 |
| 1º ciclo E.B. | 8.6 | 1.5 | 12.0 | 23.1 |
| 2º ciclo E.B. | 22.8 | 10.3 | 18.2 | 20.5 |
| 3º ciclo E.B. | 68.6 | 48.5 | 23.0 | 24.4 |
| Ensino Secundário | 0.0 | 33.8 | 31.2 | 15.4 |
| Ensino Médio | 0.0 | 0.0 | 3.6 | 3.8 |
| Ensino Superior | 0.0 | 4.4 | 10.8 | 11.5 |
| Outro | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |

A análise do Gráfico 4 permite-nos verificar que 35.6% dos jovens inquiridos nunca *reprovaram*, 28.0% reprovaram apenas uma vez e 36.4% reprovaram duas ou mais vezes, o que revela, com efeito, uma incidência significativa de reprovações nos jovens da comunidade.

Gráfico 4 . Número de Reprovações.



Expectativas face à escola

Em relação às expectativas face à escola, constatámos que 38.1% dos jovens referem ter como objectivo atingir um curso superior, 13.2% refere que pretende estudar até onde conseguir, enquanto que 6.0% até completar a escolaridade obrigatória (Quadro 7).

Se tivermos em consideração o *sexo* dos sujeitos, verificámos que a maior diferença se situa ao nível dos que afirmam querer estudar até fazerem um curso superior, sendo que este desejo é expresso por 25.4% dos jovens do sexo masculino e por 50.0% das jovens. Poderíamos especular sobre se estas diferenças apontam para o facto de as mulheres percepcionarem mais do que os homens o curso superior como um instrumento de desenvolvimento pessoal ou de ascensão social ou se, eventualmente, o mercado de trabalho está mais fechado para as mulheres, levando-as a investir no percurso académico.

Analisando agora as expectativas em função da *idade* dos sujeitos, (Quadro 7) verificámos que dos jovens entre os 12 e os 14 anos, 36.5% referem

pretender estudar até terem um curso superior, 24.2% até onde conseguirem e 15.2% até atingirem a escolaridade obrigatória. No que diz respeito aos jovens que se situam na faixa etária dos 15 aos 19 anos, verificámos que a maior percentagem (44.0%) refere pretender estudar até ao ensino superior. Analisando os jovens com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos constatámos, mais uma vez, que a maior percentagem (34.8%) pretende fazer um curso superior havendo nesta faixa etária uma percentagem significativa de jovens que não sabe qual o nível de escolaridade que gostaria de atingir. Na categoria dos jovens adultos (25/29 anos) verificámos que 33.1% gostariam de fazer um curso superior, sendo elevado o número de jovens que não sabe o grau de escolaridade que gostaria de atingir (28.4%).

Quadro 7 . Expectativas face à Escola na totalidade da amostra e segundo o Sexo e Idade .

| Expectativas | Total % | Masc. % | Fem. % | 12/14 | 15/19 | 20/24 | 25/29 |
|--------------------------------|------------|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | | | | anos % | anos % | anos % | anos % |
| Curso superior | 38.1 | 25.4 | 50.0 | 36.5 | 44.0 | 34.8 | 33.1 |
| 12 ° ano | 13.8 | 16.9 | 10.9 | 12.1 | 16.0 | 14.3 | 9.5 |
| Até onde conseguir | 13.2 | 16.9 | 9.8 | 24.2 | 16.0 | 8.2 | 0.0 |
| Escolaridade mínima | 6.0 | 5.6 | 6.1 | 15.2 | 6.0 | 2.0 | 0.0 |
| Curso de formação profissional | 4.6 | 5.6 | 3.7 | 3.0 | 4.0 | 6.1 | 4.8 |
| Até quando os pais puderem | 3.3 | 2.8 | 3.7 | 3.0 | 6.0 | 0.0 | 0.5 |
| Até ter emprego | 1.3 | 2.8 | 0.0 | 3.0 | 2.0 | 0.0 | 4.8 |
| Outra | 7.8 | 8.5 | 7.3 | 0.0 | 6.0 | 10.2 | 18.9 |
| Não sabe | 11.9 | 15.5 | 8.5 | 3.0 | 0.0 | 22.4 | 28.4 |

Se analisarmos as expectativas face à escola em função do número de reprovações, (Quadro 8) detectámos um certo irrealismo nas expectativas de alguns dos jovens, nomeadamente daqueles que têm um maior número de reprovações. Assim, verificámos que 50.0% dos jovens que reprovaram quatro vezes pretendem atingir o ensino superior, bem como 44.5% dos jovens que reprovaram três vezes. Dos jovens que reprovaram mais do que quatro vezes, 50.0% espera completar o 12º ano e 25.0% um curso de formação profissional. Aparentemente, o insucesso escolar, quando intenso, parece ter um efeito oposto ao esperado nas aspirações escolares.

Quadro 8 . Expectativas face à Escola em função do Número de Reprovações.

| Nº reprovações | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | + 4 |
|--------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | Reprov. % | Reprov. % | Reprov. % | Reprov. % | Reprov. % | Reprov. % |
| Escolaridade | | | | | | |
| Até onde conseguir | 14.0 | 9.7 | 19.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Até qd os pais puderem | 0.0 | 6.5 | 9.5 | 11.1 | 0.0 | 0.0 |
| Até ter emprego | 2.3 | 3.2 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Até escolaridade mínima | 4.7 | 3.2 | 4.8 | 11.1 | 0.0 | 0.0 |
| Até 12º ano | 14.0 | 16.1 | 19.0 | 33.3 | 25.0 | 50.0 |
| Até curso Superior | 51.2 | 35.6 | 19.0 | 44.5 | 50.0 | 25.0 |
| Curso de formação profissional | 4.6 | 6.5 | 9.5 | 0.0 | 0.0 | 25.0 |
| Outra | 6.9 | 9.6 | 14.4 | 0.0 | 25.0 | 0.0 |
| Não sabe | 2.3 | 9.6 | 4.8 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |

Abandono Escolar

52.3% dos jovens inquiridos abandonaram a escola, sendo que, destes, 28.7% encontram-se satisfeitos por ter abandonado, enquanto que 69.1% gostavam de ter continuado a estudar. Por outro lado, constata-se que são os homens (56.4%) que estão mais satisfeitos com o abandono escolar, enquanto que do total de jovens que gostariam de ter continuado a estudar, 55.3% são do sexo feminino (Quadro 9).

Analisando as razões apontadas pelos jovens para justificar o abandono, (Gráfico 5) 19.8% referem necessidades familiares, 17.1% que não gostavam da escola e 25.7% não respondem; 5.9% dizem que o abandono foi necessário para assegurar a sua independência.

Da análise da relação entre o grau de escolaridade do jovem e a *satisfação quanto ao abandono* escolar verificámos que, nos jovens que têm como habilitação cursos médios, todos referem que gostavam de ter continuado a estudar. Dos jovens que abandonaram a escola após terem terminado o 1º ciclo do ensino básico, 70.0% afirmam que gostariam de ter continuado a estudar enquanto que 26.6% consideram estar satisfeitos com o abandono da escola. Analisando agora as respostas daqueles que completaram o 2º ciclo do ensino básico, constatámos que 70.0% gostavam de ter continuado a estudar enquanto 30.0% referem que estão satisfeitos pelo abandono.

Gráfico 5 . Abandono da Escola.

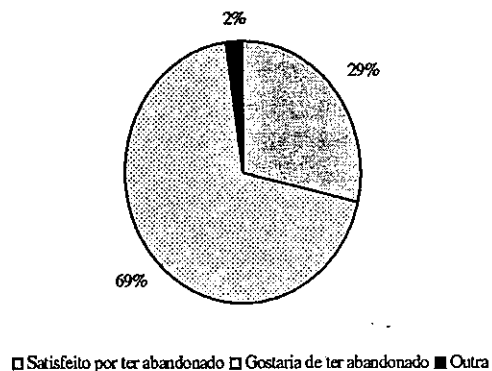
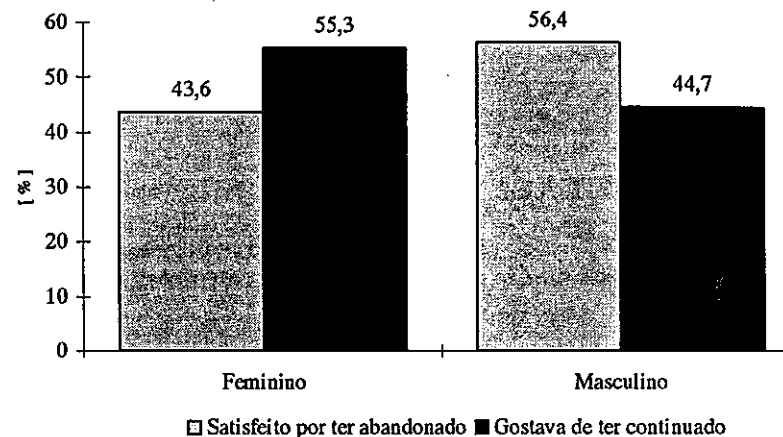


Gráfico 6 . Abandono da Escola segundo o Sexo.



Quadro 9 . Razões do abandono escola.

| Razões do abandono escolar | % |
|-----------------------------|------|
| Necessidades familiares | 19.8 |
| Não gostava da escola | 17.1 |
| Trabalhar para assegurar | 5.9 |
| Falta de capacidades | 4.8 |
| Más companhias | 3.7 |
| Não teve acesso à faculdade | 2.7 |
| Preguiça | 1.6 |
| Gravidez | 1.6 |
| Suspensão | 1.1 |
| Excesso de idade | 0.5 |
| Toxicod dependência | 0.5 |
| Outros | 15.0 |
| Não responde | 25.7 |

Faltar à escola

Entre os jovens que estudam, 67.4% responderam que não faltam à escola, tendo 31.3% afirmado que faltam (Quadro 10). Se analisarmos as faltas à escola em função do *sexo*, constatamos que 70.0% dos raparigas não faltam, estando 64.1% dos rapazes nas mesmas circunstâncias. Em relação às razões apontadas, verificámos que 24.5% dos jovens faltam porque não gostam da escola e para brincar, enquanto que 16.3% faltaram por doença; 10.2% para trabalhar e 6.1% para dormir ou por cansaço.

Pela análise do Quadro 11, constatamos que são sobretudo as raparigas (29.7%) que faltam porque não gostam da escola, mas a tendência inverte-se quando o motivo para faltar à escola é para brincar (41.0% dos rapazes); é de salientar que só as raparigas faltam para apoiar nas tarefas domésticas (3.7%), para trabalhar (18.5%) ou para sair com os amigos (7.4%).

Quadro 10 . Faltar à Escola na totalidade e segundo o Sexo.

| Faltar à escola | Total % | Masculino % | Feminino % |
|-----------------|---------|-------------|------------|
| Sim | 31.3 | 35.9 | 27.5 |
| Não | 67.4 | 64.1 | 70.0 |
| S/ Info | 1.3 | 0.0 | 2.5 |

Quadro 11 . Porque faltam à Escola na totalidade e segundo o Sexo.

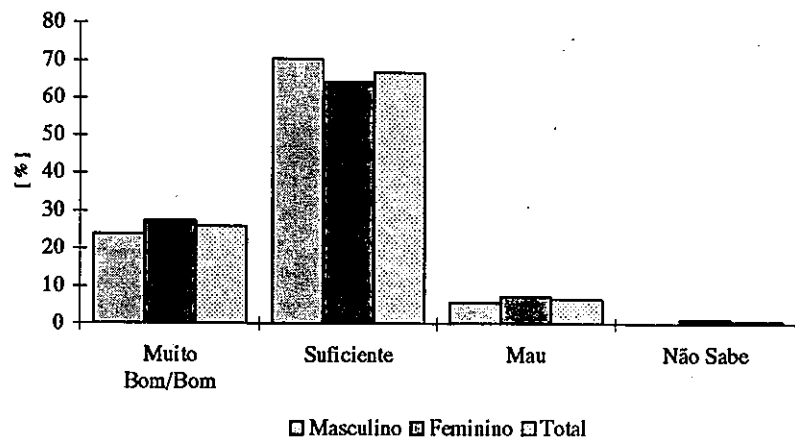
| Porque faltam à escola | Total % | Masc. % | Femin. % |
|---------------------------|---------|---------|----------|
| Não gosta da escola | 24.5 | 18.2 | 29.7 |
| Para brincar | 24.5 | 41.7 | 11.1 |
| Doença | 16.3 | 22.7 | 11.1 |
| Para trabalhar | 10.2 | 0.0 | 18.5 |
| Dormir/Cansaço | 6.1 | 9.1 | 3.7 |
| Sair com amigos | 4.1 | 0.0 | 7.4 |
| Apoiar tarefas domésticas | 2.0 | 0.0 | 3.7 |
| Outros | 12.3 | 9.1 | 14.8 |

Rendimento escolar

Em relação à avaliação do rendimento escolar a grande maioria dos jovens refere que o seu aproveitamento é suficiente (66.9%), enquanto 25.9% diz que é muito bom, 6.6% refere que é mau e 0.6% não sabe (Gráfico 7).

Analisando agora a avaliação do rendimento escolar em função do *sexo* (Gráfico 7), verificámos que 70.4% dos jovens do sexo masculino consideram o seu rendimento suficiente enquanto que 23.9% o considera bom. Por seu lado, 64.2% dos jovens do sexo feminino considera o rendimento escolar suficiente e 27.4% muito bom. O sexo parece, assim, não diferenciar a percepção do rendimento escolar.

Gráfico 7 . Avaliação do Rendimento Escolar na totalidade da amostra segundo o Sexo.



Relativamente às causas que influenciam negativamente o rendimento escolar (Quadro 12), verificámos que as principais razões apontadas pelos jovens são o pouco esforço, (21.7%), os problemas de comportamento (18.7%) e o ambiente familiar (13.4%). Da análise do mesmo quadro constata-se, ainda, que os rapazes salientam os problemas de comportamento (30.9%) e o pouco esforço (20.9%), enquanto que as raparigas apontam o pouco esforço (22.4%) e o ambiente familiar (16.5%) como factores que influenciam negativamente o rendimento escolar.

É curioso notar que são os rapazes que mais referem problemas de comportamento, o que poderá estar relacionado com a educação das raparigas que, devido a alguns valores culturais, faz apelo a um maior conformismo.

Quadro 12 . Causas que influenciam negativamente o Rendimento Escolar Segundo o Sexo.

| Causas que influenciam o Rendimento Escolar | Total % | Masc. % | Femin. % |
|---|---------|---------|----------|
| Pouco esforço | 21.7 | 20.9 | 22.4 |
| Problemas de comportamento | 18.7 | 30.9 | 7.1 |
| Ambiente familiar | 13.4 | 9.9 | 16.5 |
| Pouco interesse | 12.0 | 8.6 | 15.3 |
| Programas das disciplinas | 11.4 | 8.6 | 14.1 |
| Companheiros de estudo | 8.4 | 7.4 | 9.4 |
| Dificuldade de aprendizagem | 6.6 | 2.5 | 10.6 |
| Problemas com professores | 6.0 | 8.7 | 3.5 |
| Escolas degradadas | 1.8 | 2.5 | 1.1 |

Em conclusão...

Parece-nos importante salientar que relativamente ao nível de escolaridade dos jovens, 31.1% ultrapassaram a escolaridade obrigatória, enquanto que 35.7% frequentam e/ou concluíram o 3º ciclo do ensino básico. É de referir ainda que é nos jovens mais velhos que se verificam níveis de escolaridade mais baixos: 23.1% dos jovens entre os 25 e os 29 anos têm apenas o 1º ciclo do ensino básico, enquanto na faixa etária dos 20 aos 24 anos este número desce para 12%, sendo de 1.5% nos jovens dos 15 aos 19 anos. A este aumento na escolaridade não é, certamente, alheia a extensão da escolaridade obrigatória.

Se analisarmos comparativamente a escolaridade dos pais e filhos constatámos que, na maioria dos casos, o nível de habilitações literárias dos pais foi já ultrapassado pelos filhos, facto certamente relacionado com a democratização do ensino.

No que diz respeito às expectativas face à escola existem também alguns dados que nos parece importante salientar. Assim, da análise das respostas dadas pelos jovens constatámos que, uma grande parte deles, pretende estudar até tirar um curso superior (38.1%); curiosamente, o número de jovens que estão efectivamente a frequentar o ensino superior é reduzido (7.9%)⁴ e o insucesso escolar é elevado (36.4 % dos jovens reprovaram duas ou mais vezes).

Estes dados poderão revelar a existência de um hiato entre as expectativas dos jovens construídas, evidentemente, no contexto das influências exercidas pelas aspirações dos pais, pelas representações veiculadas pelos *mass media*, pela própria escola e pela valorização social do Ensino Superior em detrimento de outros tipos de formação. Ou seja, este desejo de acesso ao Ensino Superior pode constituir um instrumento da expressão das aspirações de mobilidade social ascendente.

Um outro aspecto relevante relaciona-se com o abandono escolar na medida em que verificámos que 52.3% dos jovens inquiridos abandonaram a

⁴ Este valor conta, eventualmente, com o facto de haver jovens, que residam na freguesia por nela existirem dois estabelecimentos de Ensino Superior, sem ser aqui o local de residência do seu agregado familiar.

escola, sendo elevada a percentagem daqueles que gostariam de ter continuado a estudar (69.1%). As razões apontadas pelos jovens para o abandono escolar prendem-se, em grande parte, com necessidades familiares e com o facto dos jovens não gostarem da escola. Eventualmente, poderemos especular sobre as precárias condições socio-económicas das famílias como uma causa do abandono escolar.

Por outro lado, a inadequação da escola às características específicas de alguns alunos, bem como aos seus contextos de vida, valorizando primordialmente a transmissão de conteúdos, poderá ser um factor de desmotivação e do desinteresse revelado pelos jovens (Vieira, 1992 cit in Silva, 1994). Esta ideia poderá ser reforçada pelas razões apontadas pelos jovens para faltar à escola e que se prendem prioritariamente com o facto de não gostarem da mesma.

Paralelamente, os jovens que frequentam a escola avaliam maioritariamente o aproveitamento escolar como suficiente, havendo de facto poucos jovens que avaliam o rendimento como mau. Estes valores não são coincidentes com o número de reprovações, uma vez que um número significativo de jovens reprovaram duas ou mais vezes, o que poderá revelar um certo irrealismo na avaliação que os jovens fazem do seu desempenho escolar.

Em relação às causas que influenciam o rendimento escolar os jovens referiram maioritariamente o “pouco esforço” e os “problemas de comportamento”, o que pode estar relacionado com uma desmotivação face à escola e programas escolares. Estes dados parecem-nos interessantes na medida em que os jovens apresentam um locus de causalidade interna (Fontaine, 1993) relativamente ao insucesso escolar.

4. Transição para a Vida Activa

Uma das tarefas de vida fundamentais durante a juventude é a inserção no mundo do trabalho, que assinala, ainda que simbolicamente, a entrada na "idade adulta". Aliás, o trabalho é assumido pela sociedade ocidental como um valor central e constitui-se numa dimensão essencial para o bem-estar psicossocial das pessoas, merecendo por isso ser analisado neste estudo sociológico, numa altura em que são inúmeras as transformações neste domínio, implicando reformulações constantes nos projectos de vida dos indivíduos.

Na amostra considerada verificámos que 35.3% dos jovens trabalham, 12.8% estão desempregados e 8.6% são trabalhadores-estudantes, o que equivale a uma percentagem de 56.7% de jovens da comunidade que estão inseridos no mercado de trabalho ou tentam (re)inserir-se (Quadro 13).

Do jovens inquiridos que trabalham (Quadro 14), 58.5% começaram a fazê-lo entre os 15 e os 19 anos, 23.1% entre os 12 e os 14 anos, 15.0% entre os 20 e os 24 anos e 3.4% entre os 25 e os 29 anos. A maior parte dos jovens começaram a trabalhar entre os 15 e os 19 anos, havendo uma maior percentagem de elementos do sexo masculino (62.7%) do que do sexo feminino (53.4%).

Quadro 13 . Ocupação.

| Ocupação | % |
|-----------------------------|------|
| Estudante | 36.5 |
| Trabalhador | 35.3 |
| Desempregado | 11.7 |
| Trabalhador/estudante | 8.6 |
| Tarefas do lar | 4.5 |
| Desemp. -procura 1º emprego | 1.1 |
| Reformado/pensionista | 0.4 |
| Sem Informação | 1.9 |

Quadro 14 . Idade em que começou a Trabalhar na Totalidade e segundo o Sexo.

| Idade em que começou a Trabalhar | Total % | Masc. % | Femin. % |
|----------------------------------|------------|------------|-------------|
| 12 - 14 anos | 23.1 | 22,7 | 23,3 |
| 15 - 19 anos | 58.5 | 62,7 | 53,4 |
| 20 - 24 anos | 15.0 | 10,7 | 19,2 |
| 25 - 29 anos | 3.4 | 3,9 | 4,1 |

Condição perante o trabalho

Se analisarmos a distribuição em função do grupo profissional⁵ verificámos que 23,5% dos jovens se situam no Grupo 5 e 11.8% nos Grupos 7 e 8. Em relação aos pais, verificámos que 20.4% se inscrevem no Grupo 7, 15.0% no Grupo 5, havendo 33.8% de jovens que não sabem qual a ocupação do pai. As mães ocupam-se, na sua maioria, de tarefas domésticas (49.5%), seguindo-se as que trabalham em profissões ligadas ao Grupo 5 (15.0%) e ao Grupo 9 (10.1%).

⁵ Segundo a Classificação Nacional das Profissões são os seguintes Grupos considerados:
 Grupo 1: Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas
 Grupo 2: Especialistas das Profissões Intelectuais e científicas
 Grupo 3: Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio
 Grupo 4: Pessoal Administrativo e similares
 Grupo 5: Pessoal dos Serviços e Vendedores
 Grupo 6: Agricultores e Trabalhadores Qualificados Da Agricultura e Pescas
 Grupo 7: Operários, Artífices e Trabalhadores Similares
 Grupo 8: Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem
 Grupo 9: Trabalhadores não Qualificados

Quadro 15 . Condição perante o Trabalho

| Grupos ⁸ | Próprio % | Pai % | Mãe % |
|---------------------|--------------|----------|----------|
| Grupo 1 | 0.7 | 4.6 | 2.7 |
| Grupo 2 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |
| Grupo 3 | 4.6 | 4.6 | 3.7 |
| Grupo 4 | 11.1 | 4.2 | 4.3 |
| Grupo 5 | 23.5 | 15.0 | 13.3 |
| Grupo 6 | 0.0 | 1.7 | 0.0 |
| Grupo 7 | 11.8 | 20.4 | 0.5 |
| Grupo 8 | 11.8 | 7.3 | 0.0 |
| Grupo 9 | 5.2 | 1.3 | 10.1 |
| Tarefas do lar | 0.0 | 0.0 | 49.5 |
| Desempregado | 11.1 | 3.3 | 7.9 |
| Reformada | 0.0 | 3.8 | 3.2 |
| Sem informação | 20.2 | 33.8 | 4.8 |

Situação na Profissão

Da análise do Quadro 16, verificámos que 86.6% dos jovens trabalham por conta de outrem, sendo 9.2% aqueles que trabalham por conta própria e 1.7% os que se classificam como entidade patronal.

Comparando a situação profissional dos jovens com a dos seus pais, verificámos que a maior percentagem trabalha também por conta de outrem,

havendo a este nível diferenças entre o pai (76.6%) e a mãe (52.4%). No que diz respeito aos trabalhadores por conta própria, existe também uma diferença entre pai (18.7%) e mãe (7.8%), sendo o número destas inferior aos filhos que se encontram na mesma situação. Refira-se ainda que no caso da situação das mães há uma grande percentagem de trabalhadores familiares sem remuneração (37.8%).

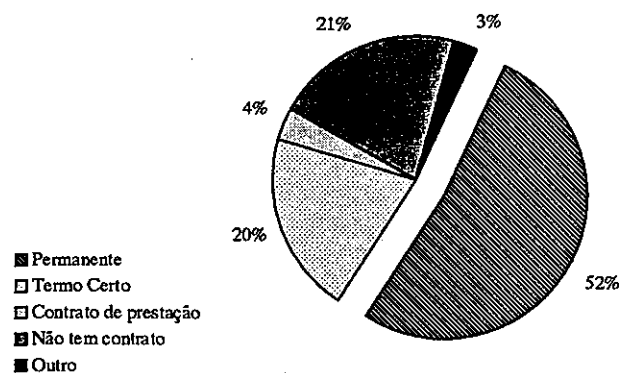
De acordo com os dados descritos pelo Gráfico 8, constatámos que 52.2% dos jovens têm um contrato de trabalho de natureza permanente, 21.2% não têm contrato de trabalho e 20.4% têm contrato a termo certo.

Analisando agora a natureza do contrato de trabalho em função do *sexo* verificámos que 59.3% dos rapazes têm contrato de trabalho permanente, havendo apenas 45.8% de raparigas nas mesmas circunstâncias. Outra diferença relevante diz respeito aos jovens que não têm contrato de trabalho, havendo 27.1% de raparigas nesta situação e, apenas, 14.8% de rapazes.

Quadro 16 . Situação do Jovem na Profissão.

| Situação do Jovem na Profissão | Próprio % | Pai % | Mãe % |
|--------------------------------|--------------|----------|----------|
| Patrão | 1.7 | 3.9 | 1.5 |
| Trab. conta própria | 9.2 | 18.7 | 7.8 |
| Trab. contra outrem | 86.6 | 76.6 | 52.4 |
| Trab. familiar com remuneração | 0.8 | 0.5 | 0.5 |
| Trab. familiar sem remuneração | 1.7 | 0.3 | 37.8 |

Gráfico 8 . Natureza do Contrato de Trabalho.



Quadro 17 . Natureza do Contrato de Trabalho.

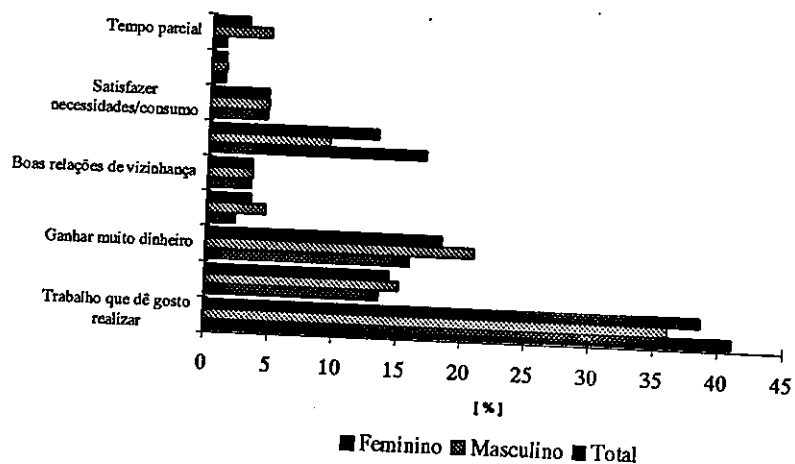
| Natureza do contrato de trabalho | Masculino | Feminino |
|-------------------------------------|-----------|----------|
| | % | % |
| Permanente | 59.3 | 45.8 |
| Termo Certo | 20.4 | 20.3 |
| Contrato de prestação de serviços | 3.7 | 3.4 |
| Sem Contrato | 14.8 | 27.1 |
| Outro | 1.8 | 3.4 |

Aspectos do trabalho a que atribui mais importância

No que diz respeito aos aspectos do trabalho mais valorizados pelos jovens, verificámos que um trabalho que dê gosto realizar foi o mais escolhido (38.5%), seguindo-se um trabalho em que se ganhe muito dinheiro (18.4%) e um trabalho que permita o desenvolvimento de capacidades pessoais (14.4%).

Analisando os aspectos do trabalho a que os jovens atribuem importância em função do *sexo*, verificámos que o aspecto mais importante para os dois sexos é fazer um trabalho que dê gosto realizar. Contudo, são sobretudo os homens (20.9%) que referem ganhar muito dinheiro como um aspecto central do trabalho e são as mulheres que mais valorizam a segurança no emprego (17.0%).

Gráfico 9 . Aspectos do Trabalho a que atribuiu mais Importância na totalidade e segundo o Sexo.



Da análise dos aspectos do trabalho a que os jovens atribuem mais importância, em função do *grupo profissional* em que se inserem, constatámos que os jovens profissionais do Grupo 1 consideram, na sua globalidade, o permitir o desenvolvimento de capacidades pessoais como um aspecto

fundamental. Para os profissionais do Grupo 3, bem como para os do Grupo 4, Grupo 7 e Grupo 8 o aspecto mais valorizado é poder fazer um trabalho que dê gosto realizar (42.8%, 50.0%, 52.9% e 26.7% respectivamente), enquanto que os profissionais do Grupo 5 valorizam a componente económica (25.0%) e a segurança (22.2%).

Os trabalhadores do Grupo 9 valorizam igualmente a satisfação das necessidades (25.0%), a segurança de emprego (25.0%) e as boas relações de trabalho (25.0%). Por último, refira-se que 50.0% dos desempregados consideram o gosto pelo trabalho como fundamental.

Quadro 18 . Aspectos do Trabalho a que atribui Importância segundo a Condição perante o Trabalho.

| Grupo profissional | G1 % | G3 % | G4 % | G5 % | G7 % | G8 % | G9 % | Desemp. % |
|---------------------------------|-------|------|------|------|------|------|------|-----------|
| Gosta realizar | 0.0 | 42.8 | 50.0 | 19.4 | 52.9 | 26.7 | 0.0 | 50.0 |
| Desenvolvimento de capacidades | 100.0 | 28.6 | 12.5 | 13.9 | 0.0 | 13.3 | 12.5 | 14.4 |
| Ganhar muito dinheiro | 0.0 | 14.3 | 18.6 | 25.0 | 29.4 | 20.0 | 12.5 | 21.4 |
| Perspectivas de promoção | 0.0 | 14.3 | 6.3 | 5.6 | 0.0 | 13.3 | 0.0 | 0.0 |
| Boas relações com os colegas | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 6.7 | 25.0 | 0.0 |
| Segurança no emprego | 0.0 | 0.0 | 6.3 | 22.2 | 17.7 | 20.0 | 25.0 | 7.1 |
| Satisfazer necessidades/consumo | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 5.6 | 0.0 | 0.0 | 25.0 | 7.1 |
| Flexibilidade de horário | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 5.6 | 0.0 | 0.0 | 0.0 | 0.0 |

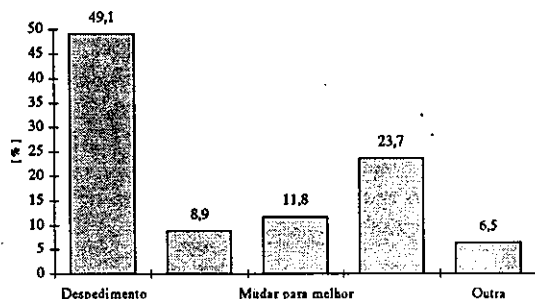
Mudança de Emprego

Analisando o Quadro 19, verificamos que 32.4% dos jovens trabalhadores mudaram de emprego três ou mais vezes, 29.7% nunca mudaram, 20.3% mudaram duas vezes e 17.6% mudaram pelo menos uma vez. No que diz respeito aos motivos que levaram os jovens a mudar de emprego (Gráfico 10), constatamos que 49.1% o fizeram por despedimento, 23.7% porque não gostavam do seu trabalho, 11.8% mudaram para melhor e 8.9% fizeram-no devido ao fim do contrato. Parece-nos que estes dados acentuam a questão da precaridade e instabilidade do emprego, de resto consonante com o que acontece a nível nacional, afectando, nomeadamente, as camadas juvenis.

Quadro 19 . Freqüência de Mudança de Emprego.

| Freqüência de Mudança de Emprego | % |
|----------------------------------|------|
| Nunca mudou | 29.7 |
| Mudou pelo menos uma vez | 17.6 |
| Mudou duas vezes | 20.3 |
| Mudou três ou mais vezes | 32.4 |

Gráfico 10 . Motivo de Mudança de Emprego.



Horário de trabalho

No que se refere ao horário de trabalho, 36.8% dos jovens afirma trabalhar oito horas, 32.1% menos de oito horas e 31.1% mais de oito horas. São sobretudo os jovens do sexo masculino que trabalham oito ou mais horas (41.2%) enquanto que as jovens trabalham maioritariamente menos de oito horas (41.8%). A percentagem de jovens que trabalham oito horas diárias é aproximadamente igual nos dois sexos (37.2% de jovens do sexo masculino e 36.4% do sexo feminino) (Quadro 20).

Quadro 20 . Horário de Trabalho na totalidade e segundo o Sexo .

| Horário de trabalho | Total % | Masc. % | Femin. % |
|---------------------|---------|---------|----------|
| menos de oito horas | 32.1 | 21.6 | 41.8 |
| oito horas | 36.8 | 37.2 | 36.4 |
| mais de oito horas | 31.1 | 41.2 | 21.8 |

Expectativas profissionais

Ao nível das expectativas profissionais, os jovens inquiridos salientam em primeiro lugar a profissão de futebolista (7.9%), seguido de advogado e educador de infância (6.0%), médico (5.6%) e empregado de escritório (5.3%). Relativamente às escolhas profissionais por *sexo*, constatamos que há diferenças muito claras entre as preferências femininas e masculinas. Assim, as profissões de mecânico e electricista são escolhidas apenas por elementos do sexo masculino. Por seu lado, as profissões de enfermeira, costureira e cabeleireira são exclusivamente escolhidas por mulheres. Para além destas, existem outras profissões também escolhidas diferencialmente por homens e mulheres. Desta forma futebolista, técnico de informática e desenhador/arquitecto são profissões escolhidas maioritariamente pelos jovens do sexo masculino, enquanto que educador de infância, professor e jornalista são sobretudo escolhidas pelas jovens.

Pela análise destes dados, oferece-nos comentar o peso eventual dos *mass media* no tipo de representações simbólicas de sucesso que os jovens constroem sobre determinado tipo de profissão. Assim, os *media* surgem como um importante gerador de aspirações.

Quadro 21 . Profissão que Gostaria de Ter.

| Profissão | Total % | Masc. % | Femin. % |
|------------------------------|---------|---------|----------|
| Futebolista | 7.9 | 15.8 | 1.5 |
| Advogado | 6.0 | 5.0 | 7.3 |
| Educador de infância | 6.0 | 1.7 | 10.2 |
| Empregado de escritório | 5.3 | 3.3 | 7.3 |
| Médico | 5.6 | 5.0 | 6.6 |
| Jornalista | 4.1 | 1.7 | 6.6 |
| Professor | 3.8 | 0.8 | 6.6 |
| Director/gestor | 3.4 | 4.2 | 2.9 |
| Técnico de informática | 2.6 | 5.0 | 0.7 |
| Empregado de balcão | 2.6 | 0.0 | 4.3 |
| Professor de educação física | 2.3 | 1.7 | 2.9 |
| Desenhador/arquitecto | 2.3 | 4.2 | 0.7 |
| Enfermeira | 1.9 | 0.0 | 3.6 |
| Costureira | 1.9 | 0.0 | 3.6 |
| Cabeleireira | 1.5 | 0.0 | 2.9 |
| Operários diversos | 1.5 | 1.7 | 1.5 |
| Mecânico | 1.5 | 3.3 | 0.0 |
| Contabilista | 1.5 | 1.7 | 1.5 |
| Electricista | 1.2 | 2.5 | 0.0 |
| Outros | 37.1 | 42.4 | 29.3 |

Em conclusão...

Dos jovens que trabalham, 23.1% começaram a fazê-lo entre os 12 e os 14 anos, não tendo portanto finalizado a escolaridade obrigatória e abandonando precocemente o sistema formal de ensino sem qualquer diploma profissional, o que será, certamente, um entrave à sua efectiva inserção no mundo do trabalho.

Face a esta realidade, facilmente compreendemos que o processo de inserção na vida activa seja marcado por insegurança e instabilidade, uma vez que 52.7% dos jovens que trabalham mudaram de emprego duas ou mais vezes, tendo os motivos da mudança sido, em 49.1% dos casos, o despedimento. Assim, e apesar de na sociedade actual as relações do indivíduo com o mundo do trabalho se terem modificado e de serem regidas frequentemente pela mobilidade dos trabalhadores, é importante referir que as mudanças apresentadas por estes jovens são, sobretudo, sinónimo de processos de transitoriedade e precariedade embora, em alguns casos, também signifiquem mobilidade profissional ascendente.

Podemos também concluir que estes indicadores da instabilidade da situação profissional dos jovens sugerem que estes não se conseguem especializar num determinado domínio, tornando-se ainda mais difícil conseguir um novo emprego, porque, a agravar o facto de não terem qualificações académicas, a maior parte dos jovens desta comunidade sofre constrangimentos, de resto semelhantes aos dos jovens em geral, para poder construir um currículo profissional consistente e consequente projecto de vida.

Contudo, se na maior parte dos casos a mudança de trabalho é devida factores exteriores ao indivíduo (despedimento e fim do contrato), há também algumas situações em que a mudança resulta de uma opção pessoal dos jovens (11.8% dos jovens muda para melhor e 23.7% porque não gostavam do trabalho que realizavam).

Relativamente aos aspectos valorizados no trabalho, verificámos que os jovens salientam sobretudo as características expressivas, como fazer um trabalho que dê gosto realizar, embora os aspectos instrumentais, como a valorização económica, tenham também sido enunciados por um número considerável de inquiridos.

Relativamente às representações e expectativas que o jovem tem sobre a inserção na vida activa, notámos, no nosso estudo, a coexistência de projectos irrealistas e pouco prováveis (ex. ser futebolista) com projectos realistas, estando a enumeração das primeiras profissões eventualmente relacionada com uma certa indefinição e indiferença relativamente ao futuro profissional e, ainda, com os ideais de sucesso transmitidos pelos *mass media* e pela sociedade em geral.

5. Sociabilidades na Vitória

A importância das redes de relações no bem estar dos indivíduos está largamente documentada (Vaux, 1988). Desta forma, é relevante a análise da relação que o jovem estabelece com aqueles que, para si, se constituem como mais significativos, bem como das representações que constrói sobre o contexto alargado em que vive e as redes de apoio social a que ocorre em situação de necessidade.

Família

A família é percebida pelos jovens inquiridos como um espaço de ajuda mútua (41.4%), de preparação para a vida (19.9%), de encontro das raízes (12.4%) e indispensável para a segurança afectiva (12.0%) (Quadro 22). Percentagens pouco significativas são atribuídas a outro tipo de representação do espaço familiar: assim, apenas 2.3% dos jovens percebem a família como garantia de segurança económica e 3.8% como contribuindo para a formação da personalidade.

Quadro 22 . Representações da família.

| Representações da família | % |
|---|------|
| Grupo de pessoas que se ajudam umas às outras | 41.4 |
| Lugar onde as pessoas se preparam para a vida | 19.9 |
| Na família encontramos as nossas raízes | 12.4 |
| Indispensável para a nossa segurança afectiva | 12.0 |
| Meio mais adequado para a formação da personalidade | 3.8 |
| Substituível por um grupo de amigos | 3.0 |
| Meio de garantia de segurança económica | 2.3 |
| Causa de muitos dos nossos problemas sociais e morais | 1.5 |
| Fachada social sem sentido | 1.1 |
| Lugar de opressão pessoal | 0.8 |
| Fonte de conflitos por causa do dinheiro e dos bens | 0.4 |
| Sem informação | 1.4 |

No que diz respeito à situação socio-económica da família observou-se que a maior parte dos inquiridos (78.2%) considera que a sua família é *remediada* do ponto de vista económico, 7.5% dos jovens considera ser originário de família *pobre* e 7.1% de família *rica*.

Quadro 23 . Classificação da Situação Económica da Família.

| Classificação da Situação Económica da Família | % |
|--|------|
| Pobre | 7.5 |
| Rica | 7.1 |
| Remediada | 78.2 |
| Não responde | 7.2 |

Dificuldades quotidianas

Questionados sobre as dificuldades com que se deparam no quotidiano e sobre as pessoas a quem solicitam ajuda (Quadro 24), os jovens referem familiares próximos quer quando se tratam de dificuldades económicas (69.2%) quer de dificuldades de trabalho (35.1%).

Quadro 24 . Dificuldades de Trabalho, Económicas e Solicitação de Ajuda.

| Fontes de Apoio | Dificuldades de Trabalho% | Dificuldades Económicas % |
|------------------|---------------------------|---------------------------|
| Familiar próximo | 35.1 | 69.2 |
| Ninguém | 26.3 | 8.3 |
| Amigo | 14.6 | 7.5 |
| Outro | 10.5 | 6.0 |
| Conjuge | 7.0 | 3.8 |
| Namorado(a) | 5.3 | 1.9 |
| Vizinhos | 0.6 | 0.8 |
| S/ info | 0.6 | 2.5 |

No que diz respeito ao número de pessoas a quem os jovens confiam os seus sentimentos (Quadro 25), verificámos que 53,8% dos jovens confiam em uma ou duas pessoas, 21,2 % em três ou quatro e 14,0% em mais de quatro pessoas, enquanto que 9,0% dos jovens inquiridos afirma não confiar em ninguém.

Dos jovens que partilham os seus sentimentos, constatámos que 46,2% confiam num familiar próximo, 38,7% num(a) amigo(a) e 10,3% no(a) namorado(a) ou esposo(a) (Quadro 26). Este destaque da instituição familiar não nos surpreende, na medida em que, vários estudos revelam ser a família, por si só, uma importante fonte de apoio (Vaux, 1988).

Quadro 25 . Pessoas a quem Confia os seus Sentimentos.

| | |
|-------------------|------|
| 1/2 pessoas | 53.8 |
| 3/4 pessoas | 21.2 |
| Mais de 4 pessoas | 14.0 |
| Ninguém | 9.1 |
| Sem informação | 1.9 |

Quadro 26 . A quem Confiar Sentimentos.

| | |
|-------------------------|------|
| Familiar próximo | 46.2 |
| Amigo(a) | 38.7 |
| Esposo(a)/Namorado(a) | 10.3 |
| Ninguém | 3.2 |
| Companheiro de trabalho | 0.8 |
| Parente | 0.8 |

Gostar de Morar na Freguesia

Sobre as vivências na freguesia, (Quadro 27) 77.4% dos jovens inquiridos afirmam gostar de viver nela e 19.9% afirmam o contrário. As razões apontadas para gostar de morar na freguesia são a proximidade à família (31.1%), o facto de ter nascido na freguesia (22.6%), desta se situar no centro da cidade (18.3%), por hábito (10.7%) e pelo facto de nela se sentirem bem (10.7%) (Quadro 28).

Em relação aos jovens que não gostam de morar na freguesia, 62.0% indicam o mau ambiente, 25.9% a falta de condições, 5.2% a sujidade e 1.7% o barulho, como motivos do seu descontentamento. (Quadro 29).

Quadro 27 . Gosta de Morar na Freguesia.

| | |
|--------|------|
| Sim | 77.4 |
| Não | 19.9 |
| S/info | 2.7 |

Quadro 28 . Porque Gosta de Morar na Freguesia.

| Porque gosta de morar na freguesia | % |
|------------------------------------|------|
| Proximidade da família | 31.1 |
| Nascimento | 22.6 |
| Centro da cidade | 18.3 |
| Hábito | 10.7 |
| Sente-se bem | 10.7 |
| Outro | 4.3 |
| Não sabe | 2.3 |

Quadro 29 . Porque não Gosta de Morar na Freguesia.

| Porque não gosta de morar na freguesia | % |
|---|----------|
| Mau ambiente | 62.0 |
| Não há condições | 25.9 |
| Sujidade | 5.2 |
| Muito barulho | 1.7 |
| Outros | 5.2 |

No entanto, embora a maioria dos jovens revele gostar de morar na Vitória, parece não haver um grande envolvimento ou participação em actividades propostas pelas colectividades da freguesia. É interessante notar que 81.6% dos jovens não participam em trabalhos da comunidade, o que poderá, eventualmente, ser revelador da desadequação entre as actividades propostas por diversas entidades presentes na Vitória e os interesses dos jovens inquiridos, talvez, porque estes tendam a procurar espaços alternativos de conivabilidade.

Quadro 30 . Participação em Trabalhos da Comunidade.

| Participação em Trabalhos da Comunidade | % |
|--|----------|
| Não | 81.6 |
| Sim | 14.7 |
| S/info | 3.7 |

Relações de Vizinhaça

De acordo com o Quadro 31, 83.0% dos jovens responderam que tinham boas relações de vizinhaça, enquanto apenas 16.6% afirmam o contrário.

Quando questionados sobre a dificuldade em mudar de freguesia, 56.7% referem que teriam dificuldades em fazê-lo, enquanto que 43.0% afirma o contrário. (Quadro 32).

Quadro 31 . Boas Relações de Vizinhaça.

| Boas Relações de Vizinhaça | % |
|-----------------------------------|----------|
| Sim | 83.0 |
| Não | 16.6 |
| S/info | 0.4 |

Quadro 32 . Dificuldade em Mudar de Freguesia.

| Dificuldade em Mudar de Freguesia | % |
|--|----------|
| Sim | 56.7 |
| Não | 43.0 |
| S/info | 0.4 |

No âmbito das relações interpessoais, as relações de amizade parecem desenvolver-se primordialmente no interior da freguesia, nomeadamente para

os elementos do sexo masculino (67,8%). Os elementos do sexo feminino parecem ser mais propensos a procurar amizades no exterior (54.3%).

Quadro 33 . Origem dos Amigos segundo o Sexo.

| Amigos | Freguesia | Fora | Ambos | S/info |
|-----------|-----------|------|-------|--------|
| Sexo | % | % | % | % |
| Masculino | 67.8 | 28.8 | 2.5 | 0.9 |
| Feminino | 43.5 | 54.3 | 2.2 | 0.0 |

Carências na Freguesia

Em relação ao que faz mais falta na freguesia (Quadro 34), 19.8% dos jovens apontam a necessidade de mais policiamento, 17.1% referem a ausência de locais de lazer, enquanto que 13.9% referem que seriam necessárias casas novas. É curioso notar a prioridade atribuída à necessidade de policiamento o que para além de estar em consonância com um recente inquérito à população portuense, divulgado pelos media, pode revelar a centralidade das questões de segurança/insegurança na vivência urbana. É, também, desalienar a importância atribuída aos espaços de lazer e à habitação que constituem duas importantes preocupações dos jovens no nosso país (Ferreira, 1989).

Quadro 34 . O que faz mais Falta na Freguesia.

| O que faz mais Falta na Freguesia | % |
|-----------------------------------|------|
| Polícia | 19.8 |
| Locais de Lazer | 17.1 |
| Casas Novas | 13.9 |
| Limpeza | 6.6 |
| Espaços verdes | 6.2 |
| Luz | 5.4 |
| Discoteca | 5.0 |
| Menos droga | 2.7 |
| Obras | 2.3 |
| Piscina | 1.6 |
| Outros | 0.4 |
| Não sabe | 19.0 |

Relativamente aos problemas identificados pelos inquiridos (Quadro 35) refira-se a droga (26.9%), a degradação habitacional (17.6%) e a prostituição (17.6%) como os problemas mais graves. O alcoolismo (10.5%), a sujidade na área (10.3%), os conflitos (5.2%) e a ausência de escolaridade (3.3%) surgem também como preocupações dos jovens. É interessante notar que as representações da Vitória - como espaço de degradação habitacional, de droga e de prostituição - condizem com as representações dos próprios habitantes que embora "protestem" contra esta imagem, assinalam na freguesia o mesmo tipo de problemas. Assim, acentua-se a ideia comprovada por estudos recentes (Champagne, 1993) de que as pessoas que vivem situações de marginalidade, assumem esse estigma. Com

efeito, a identificação de problemas por grande parte dos inquiridos no presente estudo vai ao encontro da imagem mediática que se faz da Vitória.

Quadro 35 . Problemas da Freguesia.

| Problemas da Freguesia | % |
|-------------------------------|----------|
| Drogas | 26.9 |
| Casas degradadas | 17.6 |
| Prostituição | 17.6 |
| Alcoolismo | 10.5 |
| Sujidade | 10.3 |
| Conflitos | 5.2 |
| Ausência de escolaridade | 3.3 |
| Obras | 3.3 |
| Outras | 5.3 |

Em Conclusão...

A maioria dos jovens inquiridos percebem a família como um grupo de pessoas que se ajudam umas às outras, e consideram também que a família é o lugar onde as pessoas se preparam para a vida. A família continua, assim, a ser um referencial identitário dos próprios indivíduos, sendo percebida pelos jovens como uma fonte de apoio e ajuda (cf. França, 1993; Vaux, 1988) e como o primeiro contexto socializador importante. Aliás, é a família que os jovens recorrem quando têm dificuldades, quer seja ao nível do trabalho ou ao nível económico, bem como, embora em menor escala, aos amigos. Este resultado vai ao encontro das perspectivas teóricas mais recentes que salientam a continuidade da família enquanto contexto de vinculação relevante durante a adolescência e juventude (Grotevant & Cooper, 1985).

Vale a pena notarmos que, apesar da imagem negativa que a Vitória, bem como todo o centro histórico urbano, têm ao nível da opinião pública (zona associada frequentemente à pobreza, degradação, marginalidade...), os jovens revelam gostar de morar na freguesia. A proximidade da família, o local de nascimento, o situar-se no centro da cidade são as razões prioritariamente apontadas para justificar esta preferência. Mas, apesar disto, os jovens inquiridos apontam como principais problemas da freguesia a droga, as casas degradadas e a prostituição, revelando uma grande consciência e uniformidade nos problemas apontados.

Um aspecto que será interessante salientar é o facto dos jovens considerarem que têm boas relações de vizinhança e que teriam dificuldade em mudar de zona de residência, talvez porque emerge, na maior parte, uma imagem positiva das relações de sociabilidade, quer no que se refere às relações mais próximas (amigos, família) quer quando se tratam de relações mais distantes afectivamente (vizinhos).

6. Ocupação dos Tempos Livres

O período da juventude é sempre associado a práticas de lazer e de tempos livres específicos (Galland, 1991). Consequentemente, não poderíamos deixar de analisar as práticas de lazer dos jovens da Vitória, conceptualizadas, num sentido lato, como práticas culturais que constituem oportunidades de expressão de necessidades, de aspirações, de sonhos e de desejos.

Das diferentes formas de analisar as práticas de lazer optámos por utilizar o plano de codificação primeiramente desenvolvido por Lalive D'Épinay (1982) e que já foi utilizado por Machado Pais, em 1987, no inquérito à Juventude Portuguesa. Este plano conceptualiza as práticas de lazer dos indivíduos a partir de três critérios, que entre si estabelecem relações, a saber: (i) critério *espacial*, definido em função da polaridade espaço doméstico/espaço público (neste último diferencia-se ainda, o local de residência do indivíduo do contexto urbano mais alargado); (ii) *o papel que o indivíduo assume*, definido em função da polaridade *emissor/receptor*; (iii) um critério que, em complementaridade com o anterior, define a *intencionalidade*, diferenciando o sujeito com práticas de recepção das actividades de lazer existentes (ver T.V., ouvir música, receber familiares em casa...) daquele que (re)cria os seus tempos livres (coleccionador, aquele que pratica desporto, que faz teatro...). Da interacção entre estes três critérios surgem as categorias que nos permitem classificar os tempos de lazer dos inquiridos, tendo no nosso inquérito considerado 40 actividades possíveis⁶.

Deste modo, a categoria *domésticos comunitários* refere-se às actividades em que o indivíduo assume um papel de emissor interactivo no seu espaço privado; na categoria *domésticos expressivos* o sujeito é igualmente emissor e desenvolve actividades de lazer no seu espaço doméstico, assumindo um papel de expressividade; por seu lado, os *domésticos receptivos* decorrem no mesmo espaço dos anteriores, sendo a diferença atribuída ao papel do sujeito.

As *sociabilidades locais* e as *sociabilidades urbanas* designam as actividades de lazer em que o sujeito abandona o seu espaço doméstico e às quais

⁶ No nosso estudo optámos por não considerar a categoria de *abandono* por não ter sido mencionada em situação de pré-inquérito.

subjaz uma intenção de relacionamento interpessoal seja, no primeiro caso, na comunidade entendida enquanto zona de residência, seja, no segundo caso, no contexto urbano mais alargado.

Os lazeres de *expressão desportiva* englobam actividades de prática de desporto, independentemente do local de realização e, finalmente, no que se refere aos *espectaculares de participação expressiva* e aos *espectaculares informativos*, o indivíduo assume, em ambos, um papel de receptor nas práticas que ocorrem, sempre, fora do espaço doméstico, estando a diferença na intencionalidade, ou seja, nos primeiros assume maior relevância a expressividade/acção e, nos segundos, privilegia-se a procura de informação.

O quadro seguinte exemplifica algumas actividades consideradas em cada categoria.

Quadro 36 . Categorias de Lazer.

| Categoria | Lazerres incluídos |
|---|---|
| Domésticos comunitários | -Receber ou visitar amigos e familiares. conversar. namorar. jogar cartas. jogar xadrez... |
| Domésticos expressivos | -Trabalhos manuais. coleccionar |
| Domésticos receptivos | - Ver T.V.. ouvir rádio. ouvir música: ler jornais.revistas e livros. ver filmes de vídeo. |
| De sociabilidade local | -Ir à missa. ir a colectividades. passear na zona de residência. namorar. ir festas/romarias. falar com amigos na rua. ir café. namorar. ir pub/bar. ler jornais no café. jogar futebol na rua. |
| De sociabilidade urbana | Ir à discoteca. ir pub/bar. ir excursões. jogar máquinas. jogar bilhar |
| De expressão desportiva | Praticar desporto. fazer "jogging"... |
| Espectaculares de participação expressiva | Ir às compras. passear na cidade. ir à feira. assistir a espectáculos desportivos |
| Espectaculares informativos | Ir ao Teatro. Cinema .Exposições. Concertos. Museus |

Seguidamente, passamos a analisar as actividades de lazer desenvolvidas pelos jovens da Vitória, tendo subjacente o critério de frequência (vd. Quadro 1- Anexo 3).

De uma forma global, os resultados revelam que as actividades que decorrem no espaço privado dos indivíduos, nomeadamente, as que se inserem nas categorias *domésticos receptivos* e *domésticos comunitários* apresentam um maior índice de frequência, salientando-se, na primeira categoria, ouvir música (89.4%), ouvir rádio (80.2%) e ver televisão (78.7%) e, na segunda, conversar (84.0%). Refira-se, ainda, que no contexto do espaço privado as actividades que implicam expressividade, inseridas na categoria *domésticos expressivos*, assumem pouca relevância (16.3% dos inquiridos realizam trabalhos manuais frequentemente e apenas 14.1% coleccionam).

Relativamente às actividades inseridas nas *sociabilidades locais* e *sociabilidades urbanas*, as actividades que se destacam pela preferência dos jovens são, respectivamente, falar com amigos na rua (72.3%), ir ao café (67.2%), passear (61.2%) e ir a um pub/bar (44.8%). Na categoria de *expressão desportiva* somente 36.0% dos jovens referem praticar actividades deste género. Finalmente, nas categorias *espectaculares de participação expressiva* e *espectaculares informativos*, destacam-se as actividades passear na cidade (71.3%) e ir ao cinema (37.5%) como as mais escolhidas.

Revela-se, assim, o grande peso das actividades domésticas nas vivências quotidianas do lazer pelo seu elevado índice de prática, nomeadamente, ver T.V., ouvir rádio e ouvir música. Paralelamente, o espaço de conversa, seja ao nível das sociabilidades locais ou urbanas, assume um lugar preponderante nos lazeres juvenis (conversar é inerente às actividades de frequentar pub/bar e de falar com amigos na rua...), sendo a procura de informação sobretudo associada ao ir ao cinema.

Quadro 37

| | Frequentemente | Raramente | Nunca | Total |
|--|----------------|-----------|-------|-----------|
| | (%) | (%) | (%) | Geral (%) |
| Domésticos Expressivos | | | | |
| Trabalhos Manuais | 16,3 | 26,8 | 56,9 | 100,0 |
| Cozinhar | 14,1 | 21,9 | 64,0 | 100,0 |
| Domésticos Receptivos | | | | |
| Ver TV | 78,7 | 18,2 | 3,1 | 100,0 |
| Ouvir rádio | 80,2 | 14,4 | 5,4 | 100,0 |
| Ouvir música | 89,4 | 5,7 | 4,9 | 100,0 |
| Ler jornais | 36,4 | 38,5 | 25,1 | 100,0 |
| Ler revistas | 50,4 | 34,3 | 15,3 | 100,0 |
| Ler livros | 43,7 | 33,5 | 22,8 | 100,0 |
| Ver vídeo | 53,5 | 28,0 | 18,5 | 100,0 |
| Domésticos Comunitários | | | | |
| Receber amigos | 43,9 | 40,9 | 15,2 | 100,0 |
| Visitar amigos | 50,4 | 32,3 | 17,3 | 100,0 |
| Visitar familiares | 41,4 | 25,1 | 33,5 | 100,0 |
| Conversar | 84,0 | 11,0 | 5,0 | 100,0 |
| Namorar | 40,4 | 23,2 | 36,4 | 100,0 |
| Jogar cartas | 34,9 | 39,2 | 25,9 | 100,0 |
| De Sociabilidade Local | | | | |
| Ir ao CSPNSV | 11,4 | 19,9 | 68,7 | 100,0 |
| Ir à missa | 15,5 | 27,0 | 57,5 | 100,0 |
| Ir às colectividades | 8,4 | 19,0 | 72,6 | 100,0 |
| Ir ao café | 67,2 | 25,3 | 7,5 | 100,0 |
| Passar | 61,2 | 26,6 | 12,2 | 100,0 |
| Namorar | 53,6 | 21,9 | 24,5 | 100,0 |
| Ir ao pub/bar | 30,5 | 23,5 | 46,0 | 100,0 |
| Jogar futebol na rua | 16,0 | 16,4 | 67,6 | 100,0 |
| Ir às festas/bonitas | 31,0 | 42,9 | 26,1 | 100,0 |
| Falar com os amigos na rua | 72,3 | 20,8 | 6,9 | 100,0 |
| De Sociabilidade Urbana | | | | |
| Ir ao pub/bar | 44,8 | 27,6 | 27,6 | 100,0 |
| Ir às compras | 55,6 | 23,4 | 19,0 | 100,0 |
| Ir às exposições | 15,4 | 42,4 | 42,2 | 100,0 |
| Ir às feiras | 19,7 | 43,9 | 36,4 | 100,0 |
| Ir às discotecas | 32,3 | 33,7 | 34,0 | 100,0 |
| Jogar máquinas | 18,8 | 24,6 | 56,6 | 100,0 |
| Jogar bilhar | 32,3 | 28,9 | 38,8 | 100,0 |
| Esportes Desportivos | | | | |
| Fazer desporto | 36,0 | 24,6 | 39,4 | 100,0 |
| Espectáculos de participação expressiva | | | | |
| Ir às compras | 55,7 | 25,4 | 18,9 | 100,0 |
| Passar na cidade | 71,3 | 22,3 | 6,4 | 100,0 |
| Ir às feiras | 19,7 | 43,9 | 36,4 | 100,0 |
| Assistir a desporto como espectador | 31,2 | 33,8 | 35,0 | 100,0 |
| Espectáculos Informativos | | | | |
| Cinema | 37,5 | 45,5 | 17,0 | 100,0 |
| Exposições | 11,5 | 37,0 | 51,5 | 100,0 |
| Concertos | 17,2 | 35,5 | 47,3 | 100,0 |

1. Lazerres domésticos expressivos

A prática dominante nesta categoria, equilibrada em ambos os sexos (Quadro 38), é a realização de trabalhos manuais. No que se refere à idade, verificámos que são os jovens com idades entre os 20 e 29 anos que, sobretudo, efectuam trabalhos manuais. (Quadro 39) o que poderá, eventualmente ser coincidente com a constituição de família e investimento em casa própria.

Quadro 38 . Trabalhos Manuais segundo Sexo.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------------|----------------|-----------|-------|
| | % | % | % |
| Sexo | | | |
| Masculino | 44.2 | 46.5 | 47.4 |
| Feminino | 55.8 | 53.5 | 52.6 |

Quadro 39 . Trabalhos Manuais segundo Idade.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|-------------------|----------------|-----------|-------|
| | % | % | % |
| Idade | | | |
| 12-14 anos | 8.3 | 22.9 | 9.3 |
| 15-19 anos | 22.5 | 26.4 | 34.8 |
| 20-24 anos | 36.8 | 24.3 | 30.4 |
| 25-29 anos | 32.4 | 26.4 | 25.5 |

2. Lazer doméstico receptivos

Dentro dos lazeres domésticos receptivos, a prática de ouvir música é a actividade mais escolhida. Dos jovens inquiridos 89.4% revelam que ouvem música frequentemente, não apresentando esta prática grandes distinções por *sexo* e *idade* (Quadro 40). Contudo, as mulheres ouvem mais música (54.2%) do que os homens (45.8%). Se considerarmos a variável *idade*, verificámos que é a partir dos 20 anos, sobretudo dos 20 aos 24 anos, que os jovens ouvem mais música.

Quadro 40 . Ouvir Música segundo o Sexo.

| Frequência Sexo | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|--------------------|----------------|-----------|-------|
| Masculino | 45.8 | 53.3 | 53.8 |
| Feminino | 54.2 | 46.7 | 46.2 |

Quadro 41. Ouvir Música segundo a Idade.

| Frequência Idade | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|---------------------|----------------|-----------|-------|
| 12-14 anos | 12.2 | 26.7 | 15.3 |
| 15-19 anos | 26.3 | 13.3 | 30.8 |
| 20-24 anos | 33.5 | 20.0 | 7.7 |
| 25-29 anos | 28.0 | 40.0 | 46.2 |

Uma outra actividade que ressalta no perfil dos tempos livres é a de ver televisão, pois 78.7% dos jovens referem realizar esta actividade frequentemente, enquanto que apenas 3.1% afirmam nunca o fazer. Com o objectivo de melhor compreendermos como se organizam os comportamentos dos telespectadores em relação a este *media*, recolhemos informações sobre o tipo de programas televisivos a que cada inquirido assiste frequentemente e o número de horas em média que eles dedicam a este meio de comunicação.

Pela análise do Quadro 42, concluímos que 59.0% dos inquiridos vêm 2 a 4 horas de televisão diárias, havendo 4.9% dos inquiridos que vêm mais de 8 horas diárias. Em relação ao *tipo de programas* mais vistos, os jovens referem os filmes (27.0%), a informação/notícias (19.3%) e os programas desportivos (15.4%). Os géneros menos apreciados são os desenhos animados (1.1%) e os documentários (2.6%) (Quadro 43).

Quadro 42 . Horas em média que vê televisão.

| Ver televisão horas | % |
|------------------------|------|
| menos de 2 horas | 15.4 |
| 2 a 4 horas | 59.0 |
| 5 a 6 horas | 13.2 |
| 7-8 horas | 4.1 |
| mais de 8 horas | 4.9 |
| Sem informação | 3.4 |

Quadro 43 . Programas mais assistidos.

| Tipo de programa | % |
|---------------------|------|
| Filmes | 27.0 |
| Informação/Notícias | 19.3 |
| Desportos | 15.4 |
| Concursos | 14.2 |
| Telenovelas | 13.7 |
| Música/concertos | 3.5 |
| Debates | 3.2 |
| Documentários | 2.6 |
| Desenhos animados | 1.1 |

Relativamente à *leitura de jornais* (Quadro 44), o mais lido é o Jornal de Notícias (53.6%), resultado que não nos surpreende porque o Jornal de Notícias é o jornal mais lido, nomeadamente no norte de Portugal (tiragem média diária 100 mil exemplares). No entanto, a percentagem de inquiridos que refere o jornal Público é bastante elevada (12.4%). Ressalta-se ainda que, além dos jornais mencionados, o outro diário referido (Comércio do Porto) tem pouca expressão. Quanto à imprensa não diária semanal, o Expresso (3.3%) e o Independente (2.0%) apresentam índices de leitura consideráveis. No que se refere aos jornais desportivos encontramos a Bola (6.2%), o Record (5.6%) e o Jogo (4.6%).

Quadro 44 . Jornais mais lidos.

| Jornal | % |
|--------------------|------|
| Jornal de Notícias | 53.6 |
| Público | 12.4 |
| Bola | 6.2 |
| Record | 5.6 |
| Jogo | 4.6 |
| Comércio | 3.6 |
| Expresso | 3.3 |
| Gazeta | 2.9 |
| Crime | 2.9 |
| Independente | 2.0 |
| Blitz | 1.6 |
| Sete | 1.3 |

Passando, finalmente, às *revistas* vemos também que é no conjunto das denominadas “revistas femininas” que surgem os índices de leitura mais elevados. Assim, as revistas Maria (29.6%) e T.V. Guia (23.6%) são as mais lidas. A quarta revista mais lida, Ragatza (7.3%), é dirigida especificamente ao público juvenil (Quadro 45).

Quadro 45 . Revistas mais lidas.

| | |
|---------------------|------|
| Maria | 29.6 |
| Tv Guia | 23.6 |
| Nova Gente | 17.2 |
| Ragatza | 7.3 |
| Tv sete dias | 4.3 |
| Cosmo | 3.9 |
| Bravo | 3.4 |
| TV mais | 3.4 |
| Máxima | 2.1 |
| Teenager | 1.7 |
| Elle | 1.7 |
| Super jovem | 1.3 |
| Marie Claire | 0.5 |

3. Lazer doméstico comunitários

A comunicação informal com os amigos é um vector de investimentos sociabilitários, em detrimento da participação em estruturas mais formalizadas como eventuais colectividades ou associações. Com efeito, cerca de 84.0% dos jovens inquiridos declaram que conversam com os amigos; 50.4% visitam os amigos; 43.9% recebem os amigos. Ao analisar os dados evidencia-se uma preferência do *sexo* feminino para conversar (55.9%). Relativamente à *idade*, são ainda os jovens entre os 20 e os 24 anos que conversam mais frequentemente (32.7%) (Quadros 46 e 47).

Quadro 46 . Conversar segundo Sexo.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|-------------------|-----------------------|------------------|--------------|
| | % | % | % |
| Sexo | | | |
| Masculino | 44.1 | 62.1 | 53.8 |
| Feminino | 55.9 | 37.9 | 46.2 |

Quadro 47 . Conversar segundo a Idade.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|-------------------|-----------------------|------------------|--------------|
| | % | % | % |
| Idade | | | |
| 12-14 anos | 12.3 | 24.2 | 7.7 |
| 15-19 anos | 25.5 | 20.7 | 38.5 |
| 20-24 anos | 32.7 | 24.1 | 30.8 |
| 25-29 anos | 29.5 | 31.0 | 23.0 |

4. Lazer de Sociabilidade local

Das práticas de sociabilidade local consideradas, apenas têm valores francamente elevados falar com amigos na rua (72.2%), passear (61.2%) e ir ao café (67.2%) (Quadro 48). Saliente-se que falar com amigos na rua, revela um investimento sociabilitário diferenciado do ponto de vista *sexual*, possuindo uma valorização masculina (53.7% dos jovens referem esta prática, enquanto que apenas 46.3% das jovens o fazem). Denota-se, por outro lado, que a rua é

frequentemente tida como quadro de interacção para a globalidade dos *grupos etários*. São os jovens a partir dos 15 anos aqueles que mais interagem na rua (Quadro 49).

Quadro 48 . Falar com Amigos na Rua por Sexo.

| Frequência Sexo | Frequentemente % | Raramente % | Nunca % |
|--------------------|---------------------|----------------|------------|
| Masculino | 53.7 | 32.7 | 11.1 |
| Feminino | 46.3 | 67.3 | 88.9 |

Quadro 49 . Falar com Amigos na Rua segundo a Idade.

| Frequência Idade | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|---------------------|----------------|-----------|-------|
| 12-14 anos | 15.8 | 9.0 | 0 |
| 15-19 anos | 27.9 | 20.0 | 22.3 |
| 20-24 anos | 28.4 | 40.0 | 33.3 |
| 25-29 anos | 27.9 | 31.0 | 44.4 |

5. Lazer de sociabilidade urbana

São os jovens do *sexo* masculino (51.2%) que vão mais frequentemente a um pub/bar, por outro lado, a maior percentagem de jovens que nunca vão a este espaço são do *sexo* feminino (65.3%). Em relação à distribuição por *idade* constata-se que são os jovens entre os 20 e os 24 anos aqueles que mais frequentemente vão a estes locais, sendo 36.2% a percentagem de jovens dos 25 aos 29 anos que referem nunca ir a este tipo de espaço.

Quadro 50 . Ir a pub/bar segundo sexo.

| Frequência Sexo | Frequentemente % | Raramente % | Nunca % |
|--------------------|---------------------|----------------|------------|
| masculino | 51.2 | 51.4 | 34.7 |
| feminino | 48.8 | 48.6 | 65.3 |

Quadro 51 . Ir a pub/bar segundo idade.

| Frequência Idade | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|---------------------|----------------|-----------|-------|
| 12-14 anos | 5.2 | 15.4 | 25.0 |
| 15-19 anos | 26.4 | 31.9 | 19.4 |
| 20-24 anos | 40.2 | 27.7 | 19.4 |
| 25-29 anos | 28.2 | 25.0 | 36.2 |

6. Lazer de expressão desportiva

Em relação aos lazeres de expressão desportiva, 36.0% dos jovens inquiridos afirmam praticar desporto. É nítida a preferência *masculina* (69.5%) por esta actividade (Quadro 52), sendo também os jovens dos 20 aos 24 anos que mais frequentemente a praticam (32.6%) (Quadro 53). Refira-se, ainda, que esta categoria não implicava que os jovens estivessem inseridos numa associação/ clube mas apenas a regularidade da prática de algum desporto.

Quadro 52 . Praticar Desporto segundo o Sexo.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------|----------------|-----------|-------|
| Sexo | % | % | % |
| Masculino | 69.5 | 52.3 | 22.1 |
| Feminino | 30.5 | 47.7 | 77.9 |

Quadro 53 . Praticar Desporto segundo a Idade.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------|----------------|-----------|-------|
| Idade | % | % | % |
| 12-14 anos | 16.8 | 10.8 | 11.5 |
| 15-19 anos | 28.4 | 33.8 | 18.3 |
| 20-24 anos | 32.6 | 32.3 | 29.8 |
| 25-29 anos | 22.2 | 23.1 | 40.4 |

7. Lazer esportivos de participação expressiva

Atente-se que no respeitante às práticas de sociabilidade urbana definidas, passear na cidade e ir às compras encontram valores elevados, respectivamente 71.3% e 55.7%. O passear na cidade é mais frequente nos jovens do sexo feminino (55.3%), verificando-se a mesma tendência na prática de ir às compras (68.5% das raparigas fazem-no frequentemente contra apenas 31.5% dos rapazes; *vd* Quadro 56). Analisando, agora, as respostas dadas pelos jovens em função da sua *idade*, verificámos que é na faixa etária dos 20 aos 24 anos que surgem os valores mais elevados no que respeita ao passear na cidade (34.6%) e ao fazer compras (36.8%).

É importante ressaltar que destes jovens, uma grande parte estuda e trabalha fora da freguesia e portanto, a sua deslocação diária que ocupa uma

parte do seu tempo, implica "passear na cidade". Por outro lado, poderíamos dizer que estas práticas estão inevitavelmente associadas, sendo sobretudo às mulheres que se atribui a responsabilidade de aquisição de produtos e, na variável idade, são os jovens adultos que, efectivamente possuem uma independência económica e autonomia superiores.

Quadro 54 . Passear na cidade segundo o Sexo.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------|----------------|-----------|-------|
| Sexo | | | |
| Masculino | 44.7 | 52.5 | 47.1 |
| Feminino | 55.3 | 47.5 | 52.9 |

Quadro 55 . Passear na cidade segundo Idade .

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------|----------------|-----------|-------|
| Idade | | | |
| 12-14 anos | 13.8 | 10.2 | 17.7 |
| 15-19 anos | 26.1 | 28.8 | 11.8 |
| 20-24 anos | 34.6 | 25.4 | 17.6 |
| 25-29 anos | 25.5 | 35.6 | 52.9 |

Quadro 56 . Ir às compras segundo o Sexo.

| Frequência | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------|----------------|-----------|-------|
| Sexo | | | |
| Masculino | 31.5 | 57.4 | 69.7 |
| Feminino | 68.5 | 42.6 | 30.3 |

Quadro 57 . Ir às Compras segundo Idade .

| Frequência Idade | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------------|----------------|-----------|-------|
| 12-14 anos | 8.3 | 22.9 | 9.4 |
| 15-19 anos | 22.5 | 26.4 | 34.8 |
| 20-24 anos | 36.8 | 24.3 | 30.3 |
| 25-29 anos | 32.4 | 26.4 | 25.5 |

8. Lazer esportivos Informativos

Note-se que, do conjunto de actividades consideradas, a mais frequentemente praticada é ir ao cinema, seguida de ir a concertos. Contudo, não mais de 37.5% dos jovens vai ao cinema frequentemente (Quadro 58). Pela análise dos dados, confirma-se que são sobretudo as *mulheres* (82.2%) que dizem que nunca vão ao cinema, sendo sobretudo os jovens dos 20 aos 24 anos que o fazem com maior frequência (34.3%).

Quadro 58 . Ir ao Cinema segundo Sexo.

| Frequência Sexo | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|-----------------|----------------|-----------|-------|
| Masculino | 48.5 | 55.8 | 17.8 |
| Feminino | 51.5 | 44.2 | 82.2 |

Quadro 59 . Ir ao Cinema segundo a Idade .

| Frequência Idade | Frequentemente | Raramente | Nunca |
|------------------|----------------|-----------|-------|
| 12-14 anos | 16.2 | 11.7 | 11.1 |
| 15-19 anos | 27.3 | 30.0 | 11.1 |
| 20-24 anos | 34.3 | 31.6 | 24.5 |
| 25-29 anos | 22.2 | 26.7 | 53.3 |

Em conclusão...

Em primeiro lugar parece-nos importante referir que os dados recolhidos apontam para uma utilização privilegiada do espaço doméstico o que vem no seguimento de estudos recentes como o de Machado Pais às práticas culturais dos Lisboaetas (1994), nomeadamente no que se refere às práticas de sociabilidade receptiva como ouvir música e ver televisão. Nota-se, ainda, que a maior parte dos jovens inquiridos ouve música em índices superiores a ver televisão. Este facto pode estar relacionado com as condições habitacionais da freguesia em que os espaços são na sua maioria partilhados, não podendo os jovens ver televisão de forma isolada mas tendo, pelo menos na maioria dos casos, que partilhar este lazer com o restante agregado familiar, o que não se passa com a audição de música que pode, eventualmente, ser um acto mais privado e individual.

Note-se também que, no que diz respeito à leitura, os jornais e revistas sobrepõem-se aos livros, podendo estes dados ser explicados, por um lado, por motivos económicos, e, por outro, confirmam a tendência nacional.

A frequência de colectividades é a prática que tem menores índices de escolha. Sendo estes núcleos de sociabilidade local importantes, podemos aferir como estes elementos são um indicador mais do que de «um cenário de desinvestimento relacional local» (Borges, 1994) da incapacidade de atraírem os jovens. A esmagadora maioria dos jovens de ambos os sexos referem nunca ir a colectividades. Do número pouco significativo de jovens que frequentam colectividades, destaca-se o facto de pertencerem à faixa etária dos 25 aos 29 anos e ao sexo masculino, o que poderá significar que existe um relacionamento interpessoal específico aos homens. Com efeito, na freguesia da Vitória, a grande parte das associações existentes são apenas frequentadas por homens, o que poderá estar relacionado com as representações estereotipadas sobre as práticas aí desenvolvidas. Esta fraca adesão dos jovens às actividades associativas pode, portanto, ser eventualmente explicada pela desadequação entre a oferta e as necessidades dos jovens, que preferem outras actividades como a música, o desporto e a informalidade dos contextos de lazer.

Finalmente, no que se refere às actividades de lazer cujo objectivo principal é a procura de informação, notámos uma procura quase irrelevante,

exceptuando o ir ao cinema, dados certamente consonantes com factores sócio-económico-culturais destes jovens. Os estilos de vida, também no que se refere ao tempo de lazer, são fruto de constrangimentos específicos, nomeadamente a dependência económica e afectiva face à família, o que terá de ser considerado, estando parte da população alvo do presente inquérito nestas circunstâncias.